



ALAP 2020

IX Congreso de la Asociación
Latinoamericana de Población



9 a 11 diciembre

EL ROL DE LOS ESTUDIOS DE POBLACIÓN TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19 Y
EL DESAFÍO DE LA IGUALDAD EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

Carlos A. P. Bacellar

Universidade de São Paulo

cbacellar@usp.br

Políticas senhoriais de gestão cotidiana da escravidão: famílias cativas e suas redes de relacionamento nos engenhos de açúcar de São Paulo, Brasil, primeira metade do século XIX¹

O grande volume do tráfico atlântico de africanos direcionado para a América portuguesa e Brasil independente marcou de forma definitiva a realidade social e econômica do Brasil contemporâneo. Estudos sobre a escravidão e a presença do negro na sociedade brasileira resultaram no acúmulo de uma vasta historiografia, estabelecida com bastante vigor principalmente a partir da década de 1980.

Importantes investigações surgiram através das metodologias da Demografia Histórica e da História da Família. Buscava-se, antes de mais nada, desmentir a tradicional visão, surgida no

¹ Bolsista produtividade CNPQ 1D. Pesquisador do CEDHAL/USP. Esta investigação forma parte do projeto “Construcciones identitárias y segregación racial em Iberoamérica: desde la colonización a las independências de los países latino-americanos. Hacia la deconstrucción de uma problemática global”. Programa de Proyectos Panamericanos de Asistencia Técnica (PAT) 2020 “Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible” y “Agenda Panamericana del IPGH 2010-2020”, Instituto Panamericano de Geografía e Historia (IPGH), OEA

século XIX, de que entre escravos seria pouco comum a organização de famílias, com os indivíduos submetidos ao cativeiro vivendo em um ambiente sexualmente “caótico e pervertido” no interior das senzalas.

Progressivamente, tornou-se claro que a ocorrência de famílias formais ou informais no cativeiro era uma realidade bastante evidente, permitindo que gerações de uma mesma família de escravos convivessem por décadas.

Também foi possível perceber que o batismo de crianças cativas era ato crucial na vida cotidiana dessa população, que buscava, prioritariamente, escolher para padrinhos de seus filhos indivíduos que fossem de melhor condição social, isto é, livres. O compadrio era, portanto, essencial para o estabelecimento de laços de solidariedade e relacionamento dentro e fora da propriedade senhorial.

Deste modo, se discute bastante como se davam, na prática cotidiana, as relações entre senhores e escravos. A princípio, podemos considerar que a escravidão era exercida pela violência, com o corpo do cativo sendo alvo de repressão e punição cotidiana. Mas, no entanto, deveria haver, necessariamente, espaço para a negociação política entre os dois extremos dessa relação. Alguns autores defendem, de maneira enfática, que o matrimônio e a consequente autorização para constituir família era uma conquista dos escravos, vistos como atores com voz e força para obrigar que o senhor permitisse as uniões conjugais e a construção de redes de parentesco no ambiente da senzala. Outros autores, por seu turno, julgam que o matrimônio e a família escrava não passavam de concessões senhoriais, oferecidas com a intenção de obter a paz entre os escravos.

Nesse embate entre duas posições opostas, podemos considerar que a organização de uma senzala exigia uma contínua negociação entre as partes, para permitir que fosse alcançada a estabilidade para o desenvolvimento das atividades econômicas da propriedade agrícola.

A partir da constatação de que famílias escravas eram comuns, teve início um debate, ainda em aberto, sobre as condições de reprodução vegetativa da escravidão na América portuguesa. Alguns estudos julgam ter detectado fortes taxas de reprodução cativa em algumas regiões, mas o resultado é ainda controverso. Se é certo que as escravarias normalmente contavam com um contingentes de 20 a 30% de crianças, não se pode negar que o nascimento era cotidiano. Mas isso não pode levar à fácil conclusão de que tais crianças

garantiam a reposição da força de trabalho. A mortalidade impedia que estes recém-nascidos, em sua grande maioria, alcançassem a idade de pleno trabalho, por volta dos 15 anos. A reposição natural era, portanto, de longo prazo. Mas é preciso considerar que nas senzalas havia sempre um contingente de escravos nascidos em terras americanas, os chamados crioulos, o que confirma que ao menos alguns nascimentos resultavam efetivamente em escravos aptos para o trabalho.

Não obstante a reprodução vegetativa, a realidade econômica do escravismo fazia do tráfico atlântico uma necessidade inevitável. Novos escravos, nascidos em terras brasileiras ou africanas, eram necessários para a manutenção dos contingentes, sua eventual ampliação e para o estabelecimento de novos estabelecimentos escravistas. Especialmente nas fases de grande expansão econômica, na lavoura da cana-de-açúcar, na mineração do ouro e na cafeicultura (esta já no século XIX), a reprodução vegetativa jamais se mostrou suficiente para atender à demanda por novos braços escravos. Pelo contrário, os números do tráfico atlântico foram progressivamente crescentes até sua extinção em 1850.

Portanto, as escravarias eram essencialmente dinâmicas em sua composição humana. Nascimentos e mortes introduziam e retiravam personagens da convivência e do sofrimento do cativeiro. Compras de escravos, nacionais ou africanos, repunham as faltas ou ampliavam a força de trabalho. Escravos, dos mais variados perfis etários, eram doados para filhos homens ao se lançarem na vida independente, enquanto as filhas recebiam cativas como dote para o casamento.

É nesse amplo movimento de caráter contínuo e imprevisível, onde a escravaria de um proprietário sempre tinha seu perfil demográfico alterado ao sabor da conjuntura e da mortalidade, que pretendemos focar nossa análise. Como proposta central, a ideia de acompanhar ao longo do tempo a história de senzalas, a história de grupos de escravos submetidos a um mesmo senhor. Tentar perceber, em última instância, como senhores de grandes plantéis escravos manejavam sua força de trabalho, e como interagiam com seus cativos no cotidiano de engenhos de açúcar na capitania, depois província, de São Paulo.

O ponto de partida da investigação é a possibilidade de acompanhar ao longo de décadas uma mesma propriedade e seus escravos, que nos é permitido pelas listas nominativas anuais de habitantes. Verdadeiros censos da população colonial, permitem a reconstituição da

dinâmica do cativeiro, pois registram as entradas, permanências e saídas de cada indivíduo escravizado. São perceptíveis os nascimentos, os óbitos, e o surgimento de novos adultos recém-comprados.

Com este levantamento serial disponível, passamos ao cruzamento com os registros paroquiais de batismo, casamento e óbito. Pelo atos matrimoniais podemos examinar a política senhorial de gestão do processo de formação de famílias. Pelo batismo localizamos os recém-nascidos e sua filiação, permitindo a reconstituição das famílias cativas no interior das senzalas. Também pelo batismo podemos identificar a chegada de novos africanos, informação que, cruzada com a chegada de escravos crioulos comprados e indicada pelas listas nominativas, permite identificar a sazonalidade das iniciativas de compra de novos escravos, e cotejá-la com o perfil sazonal do tráfico atlântico.

Ainda por meio dos batismos é possível detectar quem eram os padrinhos escolhidos para as crianças recém-nascidas e os africanos, dentre o repertório possível: escravos da mesma senzala, escravos de outros proprietários, livres, ou eventualmente membros da família senhorial. Mesmo a escolha dos nomes dos novos cativos pode ser objeto de análise interessante.

Por fim, dispomos de inventários “post mortem” que permitem detectar os momentos em que escravos eram doados para filhos do proprietário, em processo que podia desfalcar a disponibilidade de força de trabalho do pai.

O objetivo final é buscar capturar os movimentos na composição das senzalas pertencentes a produtores de açúcar da capitania de São Paulo na primeira metade do século XIX. Tendo que aliar a necessidade de força de trabalho com as variabilidades demográficas da escravidão, especialmente a mortalidade extremamente elevada, buscamos caracterizar como grandes proprietários escravistas geriam seus cativos, e como estes, ao final das contas, buscavam se organizar em meio às fortes agruras da escravidão. Observadas na escala microscópica, com um amplo cruzamento de dados, esperamos trazer algumas observações que contribuirão para o melhor entendimento da realidade da escravidão colonial.

